

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 51/53  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

do tempo  
depois disso  
deixa que vivam  
na natureza, sem  
o tal, o tal...  
por isso de um dia  
para o outro

Drummond  
o modo de pensar  
dele não mudou  
nem de um dia  
para o outro

DF  
LETRAS  
faz dez anos...

ORA  
faz dez anos...

A ousadia  
que deu  
bons frutos

# DF Letras.

# A N O S

**Pirajibana  
enfeitiçada telegrafista  
de Salinas**

**A crítica e a crítica  
dos "comunicólogos  
de carteira"**



# O velho pintor

□ AGATHA BEATRIZ

*A nova história é de um pintor que, pela razão de não se sentir realizado com a sua pintura, deixa telas, tintas e pincéis. E mais, separa-se da mulher. Ela não o compreendia e nela julgava estar a razão de sua frustração. Passa a viver só, em seu casarão nos arredores de Paris.*

Vejo-me retratado num filme francês que acabo de assistir.

Domingo de sol, dia alegre e eu de bem com a vida.

Hora do almoço recebo, em frente à TV, numa bandeja requintada, minha refeição, muito bem servida e com o cuidado de quem não queria que me afastasse dali para não perder o final de outro filme, este inglês, contando uma história alegre do garoto, príncipe herdeiro de um trono e seu Bode Expiatório, figura criada pelo pai imperador, para que o filho aprendesse as lições da vida pelas varadas no bumbum do outro.

O final fora feliz. Devia ter desligado a TV e ido dormir a sesta, ou fazer qualquer outra coisa. Mas, tentado pelos botões que nos transportam da Inglaterr

ra (era um país fictício), talvez do século XIII ou XIV, para o final da Belle Époque na França, continuo ali, olhos pregados na telinha.

A nova história é de um pintor que, pela razão de não se sentir realizado com sua pintura, deixa telas, tintas e pincéis. E, mais, separa-se da mulher. Ela não o compreendia e nela julgava estar a razão de sua frustração.

Continua, entretanto, vivendo no seu casarão, nos arredores de Paris, porém sozinho. Filhos, filhas, netos, noras e genros vêm passar férias com ele.

Uma filha, cujo temperamento e gênio se assemelham aos seus, está entre os que o visitam. Conversam. O velho conta suas histórias e suas frustrações. Está muito envelhecido. Arrepende-se de ter deixado a pintura e sofre pela solidão, pelo tamanho da casa, tão grande.

Talvez por sua alma de artista, e pior, artista não realizado, sua tristeza tem as proporções dolorosas do fracasso.

A filha, recém-chegada, leva-o a uma festa, enquanto os outros se divertem em casa e nos terrenos da mansão. É uma festa do interior. Bem típica daquelas dos arredores de Paris da época. Uma pequena orquestra: acordeom, piano, uma bateria discreta, só para marcar o ritmo, um instrumento de sopro e outro de cordas. Os pares dançam, enquanto pai e filha conversam sentados, à mesinha do bar montado sob um caramanchão, num dos jardins junto ao salão do baile. Ele fala de sua vida, de seu arrependimento de não ter seguido sua vocação, de sua velhice. Ele se julga muito velho. Fala dos pintores que lhe serviram de



modelo, de suas escolas, e conta que, de certa forma, os copiava. Mas que também, se tivesse prosseguido, podia ter feito sua própria escola, criado seu estilo, que, pelo menos, seria o seu estilo. E conclui: "É bom morrer por um sonho." Acrescentando: "Moisés morreu feliz porque viu seu sonho realizado: seu povo livre, sua pátria e sua fé! Você deve viver seu sonho, minha filha, lutar e morrer por ele."

A filha ouvia-o com carinho e com muita emoção. Olhos alagados de lágrimas, chama o velho pai para uma dança. E dançam como antigamente dançavam.

A princípio triste, o velho vai-se alegrando, feliz, nos braços da filha, rodopiando ao som de uma valsa. Parece um jovem dançando com a namorada.

Regressam a casa. Antes da festa a filha havia se despedido apressada. Ela corria, quem sabe, atrás de um inútil sonho de moça. O velho a detivera, discretamente, e a convidara para um chá na varanda. Ela volta e todo esse enredo se desenvolve entre o chá e o baile.

Parecia fim de férias. Todos se despedindo, inclusive a filha com quem conversara, contara de si e dançara.

Estação ferroviária. Despedidas e correria de meninos para entrar no trem. Este, soltando apressadas nuvens de vapor, fazia o ruído característico das estações das cidades do interior do Brasil. O homem da estação dá o sinal de partida. Devagar, bem devagar, o comboio se afasta, soltando em seguida um longo e triste apito, como se também dissesse adeus ao velho parado na plataforma, acenando e desejando, no coração, boa viagem aos que partiam.

Era a imagem da solidão.

Sozinho, aparentemente bem mais velho do que nos momentos que antecederam a partida dos seus, vai, passos vagarosos, buscar o caminho de casa.

Caminho percorrido dias antes por todos aqueles que agora o deixavam.

Devagar vai, sozinho, passo a passo, bengala quase solta na mão, andando até alcançar o largo portão de ferro de sua casa. Segura uma das barras e pára pensativo. Demora-se ali. Parece que vai chorar. Levanta um pouco a cabeça. Seus olhos se alongam pela vizinhança e se detêm extasiados. Duas meninas lindas, com seus, talvez, dez e nove anos de idade, brincam, cheias de vida, pulando corda, com aquela alegria própria de crianças felizes e sonhadoras. Principalmente cheias de futuro, de fantasias e sonhos.

O velho, resoluto, empurra o portão e entra. Com voz firme, pede à criada que lhe sirva o chá no atelier. (A criada agora era a única companhia naquela casa enorme que estivera cheia até momentos antes.) No atelier descobre, com gesto largo, sua última tela, coberta ali há tantos anos por um pano já escurecido pelo tempo. Vê que sua pintura é boa e que vale a pena continuar. Recolhe o velho quadro. Busca uma tela nova, lisa, branca, e senta-se à sua frente para sonhar. Sonha com uma paisagem linda, vista de sua janela, e vai, naquele devaneio, realizar seu sonho para morrer feliz.

A partir desse final do filme meu domingo também mudou. O coração estava doído, um sentimento de tristeza tomando-me o corpo. Procurei reagir. Pensar nos meus sonhos. Ver

se o havia realizado. Se interrompi alguma coisa que valesse a pena ser concluída ou retomada e acabei aqui nesta mesa, sentado, a passar para o papel este estado de alma que deve estar presente em todos os que já passaram pela vida e estão vendo aproximar-se o dia de seus últimos passos na longa estrada.

Vi-me como o velho do filme: só.

Tive vontade de chorar. Contive as lágrimas e fui brincar com minha última bisneta, Agatha Beatriz, que vai nos deixar amanhã para morar em outra cidade.

Como o velho do filme, também me refiz naquela criancinha que já anuncia seus primeiros passos e que terá suas fantasias e seus sonhos realizados, se Deus quiser. Nela pressenti o futuro. Percebi que, por amá-la, devia permanecer na luta que me impus desde cedo. Que poderia, por ela, ou nela, ainda buscar realizações que já havia deixado de procurar. Pude sentir, enfim, como o velho pintor, que a vida não terminara para mim. Havia ainda filhos, netos e bisnetos.

O afago daquela criancinha trouxera-me de novo à vida.

